

A CRACOLÂNDIA E O *FLUXO* NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO

Ariel Machado
Universidade de São Paulo
Email: ariel.machado.godinho@usp.br

GT-9: A produção do urbano: abordagens e métodos de análise

RESUMO: Associada à região da Luz, centro de São Paulo, a delimitação da Cracolândia moldou-se em íntima relação com as gestões municipais e os projetos urbanísticos destinados à área nas últimas duas décadas. O *fluxo*, seu conteúdo, refere-se à fixação territorial de usuários de drogas que ali se concentram, em relação constante e ritmada com o controle policial. Sugerindo a instrumentalidade de sua delimitação ambígua, a Cracolândia é, ao mesmo tempo, representação espacial e população movente. O presente artigo tem como foco analisar a mediação espacial entre representação formal e conteúdo, considerando os deslocamentos da Cracolândia de 2005 a 2018 e seu perímetro mais recente. Tomando o cotidiano do *fluxo* como nível intermediário, explicita-se o caminho teórico-metodológico adotado na pesquisa em curso, tensionando-o com a prática e a presença em campo e intencionando a abertura de perguntas.

Palavras-chave: Cracolândia - mediação espacial - cotidiano

1. INTRODUÇÃO

Estabelecer como base a Cracolândia exige tratar da ambiguidade do termo, assumindo a insuficiência de sua delimitação espacial apriorística. Por um lado, remete a determinada representação espacial. Expansiva, é capaz de abarcar toda a região da Luz e reverbera o movimento temporal do seu deslocamento nessa área, intimamente ligado aos projetos urbanísticos e às gestões municipais, incluindo as operações policiais e a cobertura midiática. Por outro, refere-se diretamente ao *fluxo* - fixação territorial do uso do crack e outras drogas, atualmente restringida às imediações da Praça Júlio Prestes. Como conteúdo, o *fluxo* tem também seu movimento próprio, composto pelo deslocamento corpóreo entre as ruas e pelas relações com o controle policial e seu entorno. O presente momento de pesquisa tem como foco analisar a mediação espacial do que é hoje nomeado por Cracolândia - mediação entre representação formal e conteúdo, entre abstrato e concreto, tomando-a por sua inseparabilidade no nível do cotidiano.

No espaço da metrópole, produto homogêneo, seus fragmentos se hierarquizam (LEFEBVRE, 2000). Dentre eles, a região da Luz diferencia-se como “complexo imobiliário-financeiro”, associando os planos urbanos de revitalização pela construção de equipamentos culturais à inserção no mercado habitacional como “nova fronteira” de exploração do capital imobiliário (PETRELLA, 2017b). Na revitalização não-realizada, no cruzamento cíclico e parcelar da fronteira, a Cracolândia se preserva como momento, interrompido e prolongado pelas intervenções urbanas e suas articulações com o aparelho policial. As representações e as mediações se expressam como efetividade do espaço, “simultaneidade lógica e prática” (ALFREDO, 2006, p. 62). Da Cracolândia se avizinham os concertos da Sala São Paulo, a concentração securitária da propriedade pela Companhia Porto Seguro e a aglomeração comercial encortçada da Santa Efigênia.

Em relação de desacordo com determinada racionalidade, o *fluxo* chega a abrigar diariamente cerca de 500 a 2000 pessoas em intensa relação de troca. Ponto centrífugo (RUI, 2014) ou campo de gravitação (NASSER, 2017) da população que vive nas ruas do centro de São Paulo, dentre os muitos que circulam, outros tantos compõem o *fluxo* por dias seguidos. Ali acessam, ainda que minimamente, certas condições de sobrevivência - seja pela burocracia do assistencialismo estatal, pela moral da caridade religiosa ou pela não-equivalência do comércio informal. Coagida à privação do uso e resultado da equivalência formal, a sobrevivência ampliada

(DEBORD, 1997) tem seus pontos de ruptura, diferenciando-se também espacialmente pelo estigma. A imediatividade dissimula o movimento crítico da sociabilidade abstrata¹.

A pesquisa prioriza o recorte temporal dos anos de 2005 a 2018, alcançando o presente. O perímetro adotado como referência corresponde à localização atual do *fluxo* no entorno da praça Júlio Prestes, estendendo-se e aglutinando-se entre a Al. Cleveland, R. Helvétia, Al. Dino Bueno e Lgo. Coração de Jesus². Dessa maneira, a análise busca relacionar o perímetro recente com o deslocamento temporal do *fluxo* e das delimitações instrumentais da Cracolândia.

Até 2005, a Cracolândia remetia-se ao “pentágono” do projeto Nova Luz³ - formado pelas Av. Duque de Caxias, Rio Branco, Cásper Líbero e R. Mauá - sugerindo certa funcionalidade da tendência de fixação enquanto representação espacial (FRÚGOLI e SPAGGIARI, 2010). Em março do mesmo ano, após a Operação Limpa realizada pela gestão Serra, a concentração de usuários de crack é desmembrada e se desloca. É (re)fixada nas imediações da praça Princesa Isabel e da estação Júlio Prestes, no bairro dos Campos Elíseos.

As intervenções repressivas que se seguiram no decorrer da gestão Kassab, destacando a Operação Sufoco em 2012, orientavam-se pelo objetivo de dispersão do *fluxo*. Obtiveram como resultado o espraiamento da população para outras áreas do Centro, mas não o deslocamento da Cracolândia como representação. A partir de 2013, as intervenções do Estado no *território*⁴ reduzem o foco na dinâmica de dispersão, alterando minimamente a localização do *fluxo*. Quando esse se dispersa pela intensificação repressiva⁵, não dura mais que poucos dias. Tal mudança na gestão estatal da região (NASSER, 2017) revela certo caráter de concentração, sendo composta pelo cercamento da GCM (Guarda Civil Metropolitana), resguardada pela Polícia Militar, e pela atuação localizada dos programas assistenciais e de saúde.

¹ “(...) na medida em que acumular é o pressuposto e o resultado de uma sociabilidade que, por isso mesmo, vê sua finalidade se efetivar na e como realização de suas mediações” (ALFREDO, 2006, p. 57).

² Considerando o período de dezembro de 2018 até abril de 2019.

³ Ainda projeto municipal em 2005 e atualizado Concessão Urbanística Nova Luz em 2009, concorrência nº01/2009/SMDU (PETRELLA, 2017b).

⁴ Termo empregado pelos agentes, por aqueles que ali convivem e pelo próprio *fluxo*.

⁵ Como na “megaoperação” de maio de 2017 durante a gestão Dória: “A Cracolândia aqui acabou, não vai voltar mais”. *Polícia faz operação contra tráfico de drogas e Dória diz que cracolândia “acabou”*. G1, 21 de maio de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/policia-faz-operacao-na-cracolandia-no-centro-de-sp.ghml>

Confinado no entorno da praça Júlio Prestes⁶, o *fluxo* se concentra na maior parte do tempo na *Praça do Cachimbo*, em frente à estação. A presença integral da GCM é responsável pela ritmação do *fluxo*, tendo o amparo da Polícia Militar e da IOPE (Inspetoria Regional de Operações Especiais). Seu deslocamento até a Al. Dino Bueno é orientado de duas a três vezes ao dia para a limpeza da praça⁷. Na primeira quadra da R. Helvetia, ligando a Al. Dino Bueno à *praça do Cachimbo*, estão a tenda do ATENDE II (Atendimento Diário Emergencial), onde ficava o extinto dBA (De Braços Abertos)⁸, e o prédio do Recomeço⁹, cercado por dois edifícios residenciais em construção¹⁰, além dos hotéis e pensões ainda ali imobilizados pela propriedade.

2. ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA

Considerando o que é refletido das alterações na gestão estatal e das articulações na escala do urbano, o esforço de pesquisa dedica-se sobre o que se mantém, em representação e em movimento, na Cracolândia. Seu deslocamento no decorrer dos anos, oscilando entre dispersão e concentração, é posto em relação com o ritmo e a ritmação cotidiana do *fluxo* - adotando como caminho conceitual sua identificação como “territorialidade itinerante” (FRÚGOLI e SPAGGIARI, 2010). Tensionando teoria e campo, busca-se a captura dos traços da totalidade no que aparece fragmentado e particularizado aos indivíduos - retomando a discussão do conceito de reprodução das relações de produção e atingindo a produção do espaço (LEFEBVRE, 1973; 2000).

2.1 Abstração concreta e (re)produção do espaço

Entende-se aqui o problema da mediação, ao mesmo tempo teórico e prático, como movimento: do abstrato ao concreto, do formal ao conteúdo. Esse movimento de pensamento, apresentado por Lefebvre em *Lógica formal Lógica dialética*, é também “pensamento do movimento” (1975, p. 178). Atendo-se aos conflitos que expressam a contradição dialética, é

⁶ Revitalizada pela prefeitura em março de 2018, incluindo-se na parceria público-privada do Complexo Júlio Prestes. *Com praça revitalizada primeira torre do Complexo Júlio Prestes é entregue*. SP Notícias, 29 de março de 2018. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/com-praca-revitalizada-primeira-torre-do-complexo-julio-prestes-e-entregue/>

⁷ Serviço terceirizado pela INOVA GSU, empresa especializada em limpeza urbana.

⁸ Programa da prefeitura de São Paulo, iniciado pela gestão Haddad e descontinuado em 2016 pela gestão Dória.

⁹ Programa do governo do Estado de São Paulo, destinado ao atendimento aos usuários de drogas.

¹⁰ Obras iniciadas em janeiro de 2019 e que, a partir de março, tiveram seu ritmo acelerado no acréscimo de um andar por semana. Não entregues e em andamento no momento do presente relato.

necessário distingui-la da incoerência lógica, sem contudo abdicar dessa última como momento de determinação do concreto. As formulações lógicas, como identidade “pura” e racional, se concretizam em ato prático, em código, tomando os conflitos como conteúdo e reorientando-os¹¹.

Assegurando a continuidade numa coerência relativa, os conflitos codificados definem-se como práticas espaciais. O espaço social, produto de uma sociedade determinada, especifica-se como “abstração concreta” (LEFEBVRE, 2000, p. 35). No complemento entre lógica do Estado e lógica da mercadoria (DAMIANI, 1999) a equivalência se sentencia como relação, enquanto forma-dinheiro ou identidade formal, e pelo sacrifício tautológico reduz os conteúdos¹². O movimento remete às contradições do espaço, mediação das estratégias de reprodução do capital como relação. Relações sociais de produção que produzem esse espaço, espaço que produz a reprodução (LEFEBVRE, 1973).

Os níveis se imbricam em “reprodução social” (LEFEBVRE, 2000, p. 41). Assumindo o problema teórico, a prática de pesquisa se desdobra pelo nível intermediário do cotidiano (LEFEBVRE, 1961)¹³. Colonizado pela lógica, a totalidade encarna o cotidiano de maneira fragmentária. No nível das abstrações concretas, íntimo e exterior, manifesta a “incapacidade das formas” de integrar e esgotar o conteúdo (p. 69). A análise e a crítica do cotidiano permitem desvelar as contradições que nele se amortizam; seja pela programação do que se codifica, tornado ampliado, ou pelo estigma do que escapa, assumido supérfluo - formas de naturalização.

2.2 Prática espacial e movimento de pesquisa

Também o movimento de pesquisa, entre teoria e prática, pouco se encaixa e se emoldura nas formas metodológicas - ainda que tensioná-las permita evidenciar o que sobra da redução,

¹¹ “(...) As coisas ocorrem diferentemente se a lógica, por excelência é a tautologia, a identidade pura (transparente, vazia, *neutra*). Enquanto identidade, pode transparecer e re-aparecer na contradição dialética. Manifesta essa contradição como algo concreto. A formulação dos conflitos fornece seu conteúdo à identidade tautológica e, portanto, abre-a para o ato prático. Finalmente, a identidade coincide com a exigência de uma ‘solução’” (LEFEBVRE, 1975, p. 20).

¹² “A forma não só é expressão de um conteúdo no qual adere, ou seu reflexo, mais que isso, sintetiza mais de um conteúdo em movimento, reunidos, reduzidos, reinterpretados pela forma, como se ela fosse um filtro” (DAMIANI, 1999, p. 52).

¹³ “(...) Il se définit par ce *niveau* intermédiaire et médiateur : la vie quotidienne. En elle, les plus concrets des mouvements dialectiques s’observent” (LEFEBVRE, 1961, p. 50).

produto e resíduo¹⁴. Constituir o objeto implica como momento crítico a destruição do método (BENJAMIN, 2018). A determinação do método pelo movimento do objeto, recíproca ao pesquisador, prioriza o cotidiano como plano de pesquisa, confrontando a inseparabilidade dos ritmos e a imiscuidade dos limites (MARTINS, 2009). O objeto aqui referido - o cotidiano do *fluxo* e do seu entorno próximo - adapta e restringe escolhas metodológicas antecipadas. As relações não consentem a hostilidade da objetificação “científica” - a imediaticidade dos questionários, a rigidez da abordagem ou qualquer gravação e registro fotográfico.

No que diz respeito à pesquisa de campo, optou-se pela orientação psicogeográfica da prática teórica situacionista¹⁵. As derivas, prática espacial de passagem e presença imediata no espaço, se realizaram no entorno do *fluxo*, nunca em seu interior. Adentrá-lo, interromper seu ritmo e passar a compô-lo, conduziu a pesquisa à incorporação das vigílias - ações junto d’A Craco Resiste¹⁶, distribuindo água e piteiras de silicone, priorizando a presença durante as limpezas da *praça do Cachimbo*, onde a tensão com o aparelho policial aumenta pelo deslocamento orquestrado do *fluxo*. Entretanto, a complementaridade entre deriva e vigília ainda compartilha seu referencial. O *fluxo* é composto por situações - interações e trocas em um curto intervalo de tempo, que dificilmente se repetem em equivalência. Nas conversas, histórias individuais e relatos de vida só podem ser acessados no momento e na maneira fragmentária e indireta em que se oferecem, desconfiadas de certa coesão. A captura desse “resíduo da realidade catalogada e classificada” não é neutra; exige se pôr em relação, modificá-lo (DEBORD, 1961 in BERENSTEIN, 2003, p. 144)¹⁷.

2.3 O *fluxo* como territorialidade itinerante

Partir do *fluxo* por seu ritmo e suas relações de ritmação conduz o tensionamento da classificação como “territorialidade itinerante” - conceito empregado por Néstor Perlongher

¹⁴ “(...) os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os” (BENJAMIN, 2018, p. 764).

¹⁵ Apresentada em trabalhos próximos aqui referenciados, destacando a prática espacial da deriva, como em Martins (2004), Damiani (2004) e Petrella (2017a).

¹⁶ Movimento autônomo dedicado ao registro e denúncia das agressões constantes e episódios de violência policial contra a população que vive ou frequenta o *fluxo* da Cracolândia, estendendo sua atuação à prática não-institucional de Redução de Danos. cf. relatório produzido pel’A Craco Resiste: *Agressões e violações na Cracolândia* (2017).

¹⁷ “(...) resíduo com o qual alguns não gostam de se confrontar, porque é ao mesmo tempo o ponto de vista da totalidade” (DEBORD, 1961 in BERENSTEIN, 2003, p. 144).

(1987) em seu estudo sobre a “Boca do Lixo”¹⁸ e atribuído posteriormente ao *fluxo* da Cracolândia (FRÚGOLI JR e SPAGGIARI, 2010; RUI, 2014; COSTA, 2017). A existência real pelo uso, apropriando-se do espaço, afirma sua delimitação como Cracolândia. O *fluxo* não se compõe senão por suas relações, pela circulação e pela troca; ao mesmo tempo, o controle do Estado nunca é ausente do seu entorno. Tem a itinerância como possibilidade, constantemente suscetível ao deslocamento, seja pela explosão do ritmo interno ou pela ritmação instrumental de controle.

Em Perlongher, a noção de “territorialidade” (1987, p. 152), retirada de Deleuze e Guattari (2011), se pretende como expressão na materialidade - forma de consciência e conteúdo social. Resulta do duplo movimento de desterritorialização e reterritorialização¹⁹. É produto prático da abstração, da violência lógica inscrevendo-se nos conflitos, (sobre)codificando-os. A desterritorialização, ato de quantificação e redução do conteúdo, indistingue-se da reterritorialização enquanto momento, assimilando o conteúdo por uma estratégia; contudo, a reterritorialização é cada vez mais artificial em função da aceleração do movimento duplo, simultaneidade requisitada. Da eficiência da abstração concreta resulta a sociabilidade abstrata²⁰. Sua expressão espacial, necessidade lógica e prática, contém o sentido crítico. O particular e localizado da reprodução é envolto por estratégias²¹ que remetem à totalidade, mas não são absolutas (DAMIANI, 2004).

Pela digressão no referencial teórico, retornando ao conceito de territorialidade itinerante, depara-se com outro ponto: o espaço não é a única superfície de mediação. O formal extrapola, se

¹⁸ Região de “deterioração moral” do centro de São Paulo, fixada no bairro dos Campos Elíseos na década de 1950 e ligada à prostituição e outras atividades ilegais (PERLONGHER, 1987, p. 49).

¹⁹ “O real não é impossível, ele é cada vez mais artificial. Marx dava o nome de lei da tendência contrariada ao duplo movimento da baixa tendencial da taxa de lucro e do crescimento da massa absoluta de mais-valia. O corolário desta lei é o duplo movimento de descodificação ou da desterritorialização dos fluxos e da sua reterritorialização violenta e factícia. Quanto mais a máquina capitalista desterritorializa, descodificando e axiomatizando os fluxos para deles extrair mais-valia, mais os seus aparelhos anexos, burocráticos e policiais reterritorializam à força, enquanto vão absorvendo uma parte crescente de mais-valia” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 53).

²⁰ “O tempo todo se recoloca a necessidade de constituição desse esvaziamento primevo. Podem-se, é claro, reproduzir as tradições, de modo simulado, como artifício da capitalização: inventar as tradições” (DAMIANI, 2004, p. 80).

²¹ “Na prática social e política, não há lógica da re-produção, nem tão pouco ‘lógica do poder’. Há uma estratégia que aplica lógica geral (formal) a certos objectos, a um objectivo, a uma perspectivação” (LEFEBVRE, 1973, p. 30).

inscreve na carne e encarna os sujeitos; a Cracolândia corporifica no *noia* (RUI, 2014)²². No nexo do cotidiano as contradições do espaço se opõem ao corpo; tomando este último como superfície de mediação das estratégias, o contraditório aparece como negação²³ interna à “ilusão de reprodução natural das relações de produção” (LEFEBVRE, 1973, p. 31). A itinerância não se separa do seu contrário - a necessidade de gerir esses corpos, recorrendo à fixação espacial.

3. APONTAMENTOS DE TENSIONAMENTO

3.1 *Fluxo e ritmo*

A Cracolândia é o *fluxo*? Sim e não. Ampliada, a Cracolândia é ainda (Nova) Luz; dentre seus agentes imediatos²⁴, o *fluxo* é, ao mesmo tempo, conteúdo social estigmatizado e sustentação ideológica da referida Cracolândia. Representações espaciais que se mesclam e se moldam instrumentalmente, deslocando ou não a fração móvel e despossuída do seu conteúdo.

No reconhecimento imediato como cena de uso e comércio do crack, a população movente que se emaranha entre a *praça do Cachimbo* e a Al. Dino Bueno não se homogeniza em substância. Confundindo e multiplicando adjetivos, são moradores de rua, desempregados, migrantes, periféricos, ex-presidiários, prostitutas, travestis, usuários de crack e alcoólatras, negros em imensa maioria. Compartilham o *fluxo* como situação de apropriação nas três ruas dos Campos Elísios, centro expandido e degradado de São Paulo. Esse “exército urbano de reserva” não é exclusivo e muito menos totalidade de tal fragmento urbano, cabendo discutir a funcionalidade que acompanha tal conceitualização. Contudo, incluso e concentrado no “metabolismo socioespacial” da região (PETRELLA, 2017, p. 327 - 328), se coloca em relação constante com a atuação localizada de agentes externos: o aparelho policial, os agentes de saúde, a assistência social, entidades religiosas e terapêuticas, ONGs, ativistas, o tráfico e seus clientes pontuais.

O *fluxo* como Cracolândia, fixada e gerida, “mistificada por todos os meios e controlada policialmente” (DEBORD, 1961 in BERENSTEIN, 2003, p. 144), aparece como particularidade.

²² “simulacro mais que perfeito que mimetiza corpo e espaço” (RUI, 2014, p. 224); “(...) imediatamente é essa figura que emerge e justifica todo o aparato repressivo, assistencial, religioso, midiático e sanitário” (p. 22).

²³ “Irredutível e subversivo no seio do espaço e dos discursos dos poderes, o corpo refuta a reprodução das relações que o esmagam e o privam de tudo” (LEFEBVRE, 1973, p. 102).

²⁴ Distintos por Petrella (2017), tratando da produção do espaço na região da Luz, como quatro: o *complexo imobiliário financeiro*, o *rentismo patrimonialista*, os *trabalhadores e moradores* e o *exército urbano de reserva* - uma fração deste último se insere no que é aqui tratado como *fluxo*.

Insistindo nos processos de mediação, importa aqui mais seu desacordo do que uma suposta coincidência com o universal. Perguntas atravessam: O que a banalidade cotidiana e a repetição do vício nesse fragmento revelam sobre a totalidade da metrópole? Qual o sentido em desnivelar a imagem amorfa de “outra” *realidade* que amassa e confunde classe e normalidade?

Adentrando a vida cotidiana enquanto crítica social da totalidade, Lefebvre (1961) parte da deformação do movimento entre necessidades e desejos, reconhecendo nesse processo o nivelamento das primeiras e a alinhamento dos segundos. O cotidiano é produto e resíduo²⁵ do processo de colonização (DEBORD, 1961 *in* BERENSTEIN, 2003) pela técnica e pela lógica mercantil, sendo duplamente determinado (LEFEBVRE, 1961; 1975)²⁶. Resulta da dominação do *tempo cíclico* (natural da reprodução biológica e do corpo) pelo *tempo linear* (racional da produção e do trabalho abstrato) um tempo de consumo, especificamente produzido, *pseudocíclico* (DEBORD, 1997)²⁷. Generalizando-se, garante a representação de estabilidade e, ao mesmo tempo, contém o ritmo crítico da reprodução das relações sociais.

Ao tensionar seu produto abstrato - o tempo médio da reprodução ampliada, possibilidade de acumulação²⁸ -, a relação de ritmação entre linear e cíclico contém sua potencialidade explosiva. Na Cracolândia, a ruptura do *pseudocíclico* se inscreve no espaço e nele é regida pelo Estado, retém sua desfuncionalização enquanto representação e reforça-a enquanto força policial acordada com o tráfico. No *fluxo*, sujeitos negam o tempo de consumo que se esfacela como totalidade da

²⁵ “Le ‘vécu’ quotidien, doublement déterminé, comme *résidu* et comme *produit* de toutes les ensembles considérés (donc phénomène *total* à sa manière, à savoir un niveau dans la totalité et une totalité à son niveau)” (LEFEBVRE, 1961, p. 62).

²⁶ “Celle-ci ne cherche pas seulement les rapports (différences, oppositions, polarités et implications réciproques, conflits et contradictions, etc.) entre déterminations. Elle découvre des différences, des dualités, des oppositions et des conflits à *l’intérieur de chaque détermination* (conceptualisée, c’est-à-dire pensée dans un concept)” (p. 52).

²⁷ “Contém os caracteres essenciais de unidades homogêneas intercambiáveis e de supressão da dimensão qualitativa. Mas, como ele é o subproduto desse tempo destinado ao atraso da vida cotidiana concreta - e à manutenção desse atraso -, deve estar carregado de pseudovalorizações e aparecer numa sequência de momentos falsamente individualizados” (DEBORD, 1997, p. 128).

²⁸ “O desenvolvimento da mercadoria não elimina essas contradições, porém cria a forma em que elas podem se mover. (...) A elipse é uma das formas de movimento em que essa contradição tanto se realiza como se resolve” (MARX, 2013, p. 178).

reprodução²⁹; individualizando como culpa, pagam com a violência de controle latente que os cerca e com a equivalência pelo estigma. O *noia*, doente de crack, supérfluo e inválido. “Fora de si” porque fora da representação do consumo, forma que se forja conteúdo.

Intencionando transpor a aparência de repetição da reprodução cotidiana³⁰, importa recapturar suas mediações. Nesse fragmento da cidade, a repetição é cerimonialmente garantida pelo Estado e seu aparelho policial - as limpezas, as revistas e o cercamento - mas também assimilada nas formas de socialização - os deslocamentos, as negociações, o vício. Relações são reproduzidas no e pelo *fluxo*; cabendo perguntar se são ainda relações de produção ou a cisão e o desvio dessas. A reprodução recorre a certa coesão e estratégia, códigos externos colidem no *fluxo* e são ali reinterpretados, colocados em prática - a conduta policial, o *proceder* do Comando³¹, a periodização dos serviços assistenciais e a sobrevivência nas ruas do centro. Outras representações reverberam, por vezes já distantes - a família, a infância, o emprego.

Sob a mediação dos códigos, a reprodução do *fluxo* tem seu ritmo. Sua ambiguidade comporta a aparência imediata de rompimento e a reafirmação entrópica das relações formais de equivalência, da lógica da mercadoria³². Adentrá-lo implica interromper sua continuidade e passar a compô-lo na aparência do cotidiano, duplamente determinado: produto e resíduo, informal e conteúdo (LEFEBVRE, 1961)³³. Perpendicular ao comércio das drogas não-legalizadas, todas outras coisas se mercantilizam. A ostensividade da troca se estende no asfalto - roupas, decorações, cachimbos, verduras, marmitas, doses de pinga, aparelhos eletrônicos e garimpos do rejeito da Santa Efigênia. A necessidade da sobrevivência sobrepõe a equivalência formal; as mercadorias

²⁹ “*Que horas são? Cinco da manhã ou cinco da tarde?*” - me perguntou um homem certa vez, enquanto éramos vigiados pelo relógio da Sala São Paulo. Sobre a “intensidade vertiginosa” dos tempos do *fluxo* e seu desacordo com a demarcação cronológica do Estado (e do capital, arrisco), cf. COSTA, 2017, p. 100.

³⁰ “O re-produtível e o reproduzido geram o repetitivo. No limite, o pleonasma, a tautologia, a identidade assegurariam a reprodução absoluta” (LEFEBVRE, 1973, p. 34).

³¹ Considerando a influência do PCC (Primeiro Comando da Capital) que, além de acoplado à presença do tráfico, se reverbera das periferias e do sistema penitenciário, origem ou passagem episódica de tantos. cf. RUI, 2014.

³² “Ser seu contraditório, não é ser exterior ao processo econômico, mas a ele atinente” (DAMIANI e BAITZ, 2018, p. 06).

³³ “Résiduelle en un sens, la quotidienneté se manifeste aussi comme le produit de formes ; l'acquis et le conquis à travers les formes, leur investissement humain. Reprenant l'analyse, la quotidienneté va nous apparaître encore doublement, mais d'une autre manière: à la fois comme l'informel et le contenu des formes” (LEFEBVRE, 1961, p. 68).

se trocam em particularidade, sem deixar de reafirmar seu equivalente geral³⁴. Regido e funcionalizado, o ritmo do *fluxo* também explode, legitimando o uso do aparato de controle e o recrudescimento da repressão - as bombas estouram o *fluxo*, sendo enxotado pelas ruas do entorno³⁵.

3.2 Questionamentos (necessariamente) em aberto

A explicitação do negativo: da realização do potencial de proletarização e da cisão da equivalência abstrata. Marx (2013) apresenta a violência da separação que concebe as relações de produção e é economicamente reproduzida e ampliada. Ela insinua seu retorno como estratégia extra-econômica, outra vez regida pelo Estado³⁶. Contudo, na reposição historicamente determinada, sua lógica não é a mesma e se distingue, velando o convencimento das categorias que se decompõe e se esfacela. A espetacularização da violência constante, rompendo a identidade abstrata entre finalidade e mediação, não tem como objetivo dispor ao trabalho corpos já socializados. Garante a funcionalidade mercantil do supérfluo pela acumulação primitiva *do espaço* (DAMIANI, 2004; DAMIANI e BAITZ, 2018), orquestrando sua presença, ritmando seu deslocamento, tornando-o elemento racional do cálculo financeiro e do planejamento empresarial-mercantil³⁷. Aqueles que não consentem, com sorte “escolhem” entre a prisão preventiva e a internação compulsória³⁸.

A mediação das representações do espaço garante a simultaneidade enquanto abstração concreta (ALFREDO, 2004), pondo-se como necessidade lógica da reprodução social. Ressaltada

³⁴ “*Quem vende um real*” - anúncio frequente que se propaga por todo o *fluxo*, ofertando a compra de um trago ou fração de pedra, um *birico*.

³⁵ *Ação na cracolândia dispersa usuários pelo centro, e lojas fecham*. Folha de São Paulo, 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/usuarios-se-dispersam-pela-cracolandia-e-lojas-fecham.shtml>

³⁶ No capítulo d’*A assim chamada acumulação primitiva*, precedendo a apresentação detalhada das legislações sanguinárias do século XV: “A legislação os tratava como delinquentes ‘voluntários’ e supunha depender de sua boa vontade que eles continuassem a trabalhar sob as velhas condições, já inexistentes” (MARX, 2013, p. 806).

³⁷ “Depois tira esses *noia* daqui e espera valorizar. Essa é a verdade”, revela o policial (RUI, 2014, p. 233). “Na metrópole, degradação e eficiência das relações sociais produzem o mesmo centro, do grande mercado espetacular dos negócios financeiros da urbanização em Campos Elíseos à sua massa de trabalhadores superficializada” (DAMIANI e BAITZ, 2018, p. 02).

³⁸ *Dória pede à Justiça internação compulsória de usuários de drogas*. G1, 24 de maio de 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/doria-pede-a-justica-internacao-compulsoria-de-usuarios-de-drogas.ghtml>

por Lefebvre (2000), a mediação espacial tem importância no imbricamento entre reprodução biológica e relações de produção. O ponto crítico se explicita na implosão da cidade: “a centralidade desmorona-se no seio do espaço que gera, quer dizer, no seio das relações de produção existentes e da sua reprodução” (LEFEBVRE, 1973, p. 18). Propõem-se aqui desviar pelo avesso: na Cracolândia, relações de produção e sua reprodução desmoronam no centro da metrópole. Seria a cisão entre reprodução e produção, crise do imbricamento?

O extra-econômico, escancaramento das mediações, se assume pela necessidade do controle corpóreo, da gestão do sobranje e do acordo entre (contra)poderes. Também necessariamente, não deixa de ser economicamente direcionado. A itinerância da população do *fluxo* é tornada decadência urbana³⁹, destacando o potencial de instrumentalização dessa territorialidade quando moldada em representação. No limite da equivalência formal o supérfluo torna-se relação. A violência abstrata, na crise de sua reposição lógica, extrapola em concreto; como momento de garantia e justificativa, opera a redução em substância de muitos sujeitos ao *noia*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto traduz o momento de pesquisa e os conflitos de iniciação do seu trajeto, tateando suas limitações e direcionando seu prosseguimento. Reconhece-se aqui o atingimento do objeto como esforço de se pôr em relação - relação diária e corpórea que produz também seu resíduo -, insistindo em tensionar o movimento de pensamento ao movimento próprio do real que vezes aparece inerte, espacialmente fixado. A relação no nível intermediário do cotidiano é a possibilidade de desnivelar certa noção de *realidade*⁴⁰: capturar na ambiguidade imediata suas mediações; recusar sua redução à estabilidade lógica que coincide-a com sua funcionalidade determinada.

³⁹ “Art. 8º - Entende-se por área de concentração de usuários a localização em que se concentrem no mínimo dois usuários, com frequência, e em que o uso de drogas seja rotineiro, causando degradação urbana” (PL - Projeto de lei 97/2018 de 21/03/2018, Promovente: Vr. Fernando Holiday, p. 02).

⁴⁰ “Mais alors pourquoi tant d'apparences dans le réel ? tant d'abstrait dans le concret et tant de formes dans le contenu ? pourquoi et comment le formel est-il aussi du concret, du réel ? Tantôt le quotidien apparaît comme la seule réalité, la réalité des réalistes, dense, pensante, solide. Tantôt il paraît pensant d'un faux poids, volumineux sans substance : l'irréel même” (LEFEBVRE, 1961, p. 196).

O desacordo comporta elementos que situam-se abaixo e acima da equivalência, reveladores e dissimulantes ao mesmo tempo. O movimento histórico dos conteúdos deforma a linearidade abstrata e falseada da acumulação, resultando dessa colisão ritmos que são vividos em desmedida. O caráter explosivo desses é amortizado por representações diversas, se explicitando onde e quando a manutenção se faz pela rigidez. Em consciência ou privado desta, compor o *fluxo* é fazer parte da manutenção ritmada em sua dupla face, estar *na* e *contra* a decomposição⁴¹. A Cracolândia, espaço de representação contraditório, reflete seu conteúdo; tratamos com a inversão.

4. REFERÊNCIAS

ALFREDO, Anselmo. O mundo moderno e o espaço: apreciações sobre a contribuição de Henri Lefebvre. São Paulo: **GEOUSP - Espaço e Tempo**, nº 19, 2006, p. 53 - 79.

BENJAMIN, Walter. Teoria do conhecimento, Teoria do progresso. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens (v. II)**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018, p. 759 - 808.

COSTA, Roberta Marcondes. **Mil Fitas na Cracolândia: Amanhã é Domingo e a Craco Resiste**, 2017, 290f. Dissertação de Mestrado, Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DAMIANI, Amélia Luisa. A propósito do espaço e do urbano: algumas hipóteses. **CIDADES**, v. 1, nº 1, 2004, p. 79 - 95.

_____. As contradições do espaço: da lógica (formal) à (lógica) dialética, a propósito do espaço. In: DAMIANI, CARLOS e SEABRA. **O espaço no fim de século: a nova raridade**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 48 - 61.

DAMIANI, Amélia Luisa e BAITZ, Ricardo. **A materialidade do espaço urbano e as abstrações concretas: a produção do espaço inteligente e a Cracolândia, atualizações da alienação social à alienação espacial**. Trabalho apresentando no 56º Congresso Internacional de Americanistas (ICA), Salamanca, 2018.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 237p.

_____. Perspectivas de modificações conscientes na vida cotidiana (1961). In: BERENSTEIN, Paola Jacques (org.). **Apologia da deriva**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003, p. 143 - 152.

⁴¹ Referência à posição da Internacional Situacionista declara por Guy Debord no *Potlach* de número 29, publicado em novembro de 1957 (DEBORD, 1996, p. 269).

- _____. **Potlach (1954-1957)**. Paris: Gallimard, 1996, 292p.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. São Paulo: Editora 34, 2ª edição, 2011, 559p.
- FRÚGOLI JR, Heitor e SPAGGIARI, Enrico. Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz. **Pontourbe**, 6, 2010. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1870>
- LEFEBVRE, Henri. **A re-produção das relações sociais de produção**. Porto: Escorpião, 1973, 115p.
- _____. **Critique de la vie quotidienne II : Fondements d'une sociologie de la quotidienneté**. Paris: L'Arche Editeur, 1961, 357p.
- _____. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 4ª edição, 2000, 485p.
- _____. **Lógica formal Lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975, 301p.
- MARTINS, Flávia Elaine da Silva. A produção da escala metropolitana e do seu pesquisador: elementos de ritmanálise. São Paulo: **GEOUSP - Espaço e Tempo**, Edição Especial, 2009, p. 29 - 39.
- _____. Aproximar sem reduzir: as derivas e a pesquisa de campo em geografia urbana. São Paulo: **GEOUSP - Espaço e Tempo**, nº 15, 2004, p. 139 - 149.
- MARX, Karl. **O capital**, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013, 894p.
- NASSER, Marina. Cracolândia como campo de gravitação. **Pontourbe** [Online], 21, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3530>; DOI : 10.4000/pontourbe.3530
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**. São Paulo: Brasiliense, 2ª edição, 1987, 275p.
- PETRELLA, Guilherme. **A fronteira infernal da renovação urbana em São Paulo: região da Luz no século XXI**, 2017, 412f. Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017a.
- _____. **Fissuras na renovação urbana da área central de São Paulo: do crack às PPPs na dinâmica imobiliária e urbana da região da luz**, 2017b. Disponível em: <http://diplomatie.org.br/fissuras-na-renovacao->
- RESISTE, A Craco. **Agressões e violações na Cracolândia**. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.ctviva.com.br/blog/wp-content/uploads/2017/05/Agress%C3%B5es-e-Viola%C3%A7%C3%B5es-na-Cracol%C3%A2ndia.pdf>



RUI, Taniele. **Nas tramas do crack: etnografia da abjeção**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014, 498p.